

Estado da publicação: O preprint foi publicado em um periódico como um artigo
DOI do artigo publicado: <https://doi.org/10.1590/1678-460x202339253102>

Características grafofonéticas das vogais francesas na gramática o Mestre francez ou novo methodo para aprender a lingua franceza por meio da portugueza de Francisco Clamopin Durand

Teresa Moura, Sónia Coelho, Susana Fontes

<https://doi.org/10.1590/1678-460x202253102>

Submetido em: 2022-08-22

Postado em: 2022-08-22 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

<https://doi.org/10.1590/1678-460x202253102>



Características grafofonéticas das vogais francesas na gramática *o Mestre francez ou novo methodo para aprender a lingua franceza por meio da portugueza* de Francisco Clamopin Durand

Graphophonetic characteristics of french vowels in the grammar *o Mestre francez ou novo methodo para aprender a lingua franceza por meio da portugueza* by Francisco Clamopin Durand

*Teresa Moura*¹

*Sónia Coelho*²

*Susana Fontes*³

Resumo

Coelho et al. (2018) sublinharam a importância da gramática *O mestre francez ou novo methodo para aprender a lingua franceza por meio da portugueza*, de Francisco Clamopin Durand, no contexto da gramática franco-portuguesa setecentista. Esta obra destaca-se sobretudo pelo seu pendor didático, pois destinava-se a todos os portugueses que pretendessem estudar a língua francesa corretamente, pelo que, na elaboração da sua obra, o autor afirmou ter baseado as suas teorias linguísticas nos autores franceses mais prestigiados da época, referenciando Pierre de La Touche, François Séraphin Régnier Desmarais e Pierre Restaut. Por esta razão, é nossa pretensão, neste artigo, apresentar as propostas grafofonéticas do autor da gramática em análise relativamente à pronúncia das vogais, procurando demonstrar a possível influência dos supramencionados autores franceses. A metodologia utilizada consistirá numa análise contrastiva das informações presentes na gramática de Durand com os diferentes tratados mencionados pelo autor, evidenciando o contributo das suas principais fontes (Auroux, 2006).

Palavras-chave: historiografia linguística, gramaticografia franco-portuguesa, vogais, características grafo-fonéticas

¹ Departamento de Letras, Artes e Comunicação/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real – Portugal. <https://orcid.org/0000-0001-5550-0641>. E-mail: tmoura@utad.pt.

² Departamento de Letras, Artes e Comunicação/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real – Portugal. <http://orcid.org/0000-0002-8611-5209>. E-mail: ccoelho@utad.pt.

³ Departamento de Letras, Artes e Comunicação/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real – Portugal. <http://orcid.org/0000-0003-4414-9248>. E-mail: sfontes@utad.pt.

Abstract

Coelho et al. (2018) underlined the importance of the grammar *O mestre francez, ou novo methodo para aprender a lingua franceza por meio da portugueza*, by Francisco Clamopin Durand, in the context of 18th century French-Portuguese grammar. This work stands out mainly due to its didactic character, as it was intended for all Portuguese people who wanted to study the French language correctly. In preparing his work, the author claimed to have based his linguistic theories on the most prestigious French authors of the time, referencing Pierre de La Touche, François Séraphin Régnier Desmarais, and Pierre Restaut. For this reason, in this paper we intend to present the graphophonetic proposals of the author of the grammar under analysis concerning the pronunciation of vowels, trying to demonstrate the possible influence of the aforementioned French authors. The methodology used will consist in a contrastive analysis of the information present in Durand's grammar with the different treatises mentioned by the author, highlighting the contribution of his main sources (Auroux, 2006).

Keywords: historiography of linguistics, French-Portuguese gramaticography, vowels, graphophonetic characteristics.

1. Introdução

A gramática *O Mestre francez, ou novo methodo para aprender a lingua franceza por meio da portugueza*. Confirmada com exemplos escolhidos, tirados os melhores auctores, de Francisco

Clamopin Durand, é uma gramática pouco conhecida no campo da gramaticografia de línguas estrangeiras em Portugal, mas é uma obra fundamental nos estudos dedicados à língua francesa no século XVIII, como já evidenciaram Coelho et al. (2018), não só pelo número de edições de que foi alvo, mas sobretudo pelo seu carácter didático, eminentemente prático, visando dar um conhecimento rápido e atualizado do francês da época.

De acordo com a tipologia proposta por Salema (2000), *O Mestre francez* enquadra-se no grupo de *métodos ou cursos de língua completos*, uma vez que se trata de uma obra que reúne “num só volume um manual de gramática, um vocabulário ou uma secção lexical, diálogos ou conversações, modelos de cartas e uma selecção de textos que serviam para os principiantes aprenderem a ler” (Salema, 2000, p. 76).

Neste sentido, estamos perante um manual que contemplava todas as componentes necessárias para a aprendizagem da língua francesa sem o auxílio de mestre, o que estava na linha do ensino em autodidaxia, que vigorou em Portugal até meados do século XIX (Salema, 2000). Durand propõe, assim, um método em que os interessados pudessem aprender de forma mais autónoma. Por essa razão, para tornar o seu manual mais claro e acessível aos aprendentes, adota uma metodologia que consiste em apresentar inicialmente a regra, seguindo-se um modelo de estudo tripartido com a exposição do exemplo em português, a sua tradução em francês e, posteriormente, o mais importante, a proposta de pronúncia. Tendo em conta que se trata de um manual didático, o autor não perde muito tempo com reflexões de pendor teórico sobre a língua, o que não invalida de citar os gramáticos e ortógrafos franceses mais insígnies, em concreto Pierre de La Touche (?-1730), François Séraphin Régnier-Desmarais (1632-1713) e Pierre Restaut (1696-1764).

Neste artigo, propomo-nos fazer uma análise ao capítulo I da gramática de Durand, intitulado *Do numero e divisão das Letras*, procurando apresentar as suas concepções linguísticas, sobretudo no que diz respeito às relações entre a grafia e fonia francesas, tentando averiguar a possível influência dos autores franceses citados na obra. Por outro lado, pontualmente surge a necessidade de compararmos a obra em estudo com as gramáticas de Luís Caetano de Lima (1671-1757) e Francisca Chantal Álvares (1742-post 1800).

Considerando que este trabalho tem por objetivo comparar as principais ideias e abordagens entre as diferentes obras acerca do estudo das vogais, com intuito de verificar aproximações,

ter-se-á em conta a noção de horizonte de retrospeção (Auroux, 2006), uma vez que o conjunto de conhecimentos antecedentes não só condiciona as opções do autor, como também nos permite compreender melhor as suas ideias.

2. Contextualização do estudo das vogais

À semelhança de Lima (1733), Durand enceta o estudo das vogais no capítulo I da primeira parte da sua gramática, que subdivide em parágrafos. No primeiro, estabelece a divisão das vogais em três classes, tal como Restaut (1812): as simples, as compostas e as nasais. Nos três parágrafos seguintes, dedica cada um ao estudo dessas classes, as simples correspondem a <a, e, i, y, o, u>; as compostas ou ditongos impróprios dizem respeito às sequências <ao, ea, eai, oi, eoi, au, eu, oeu, ou> e as nasais são <am, ean, aen, aon, em, en, im, in, om, on, eon, um, un>. No último parágrafo do primeiro capítulo, o autor procede ao tratamento dos ditongos próprios, contemplando as sequências <ae, ao, aia, aya, aio, ayo, ia, ie, io, iu, iau, ieu, iou, oe, oi, oy, eoi, eoy, oua, oue, oui, ua, ue, ui, ou, ueu>.

Vogais simples

<a> com pronúncia de [a], [a]

No que diz respeito à pronúncia da vogal <a>, Durand reconhece, à semelhança de Lima (1733, p. 2), que este som é “[...] mais aberto, e mais claro, do que na lingua Portugueza” (Durand, 1836, p. 2), apontando-lhe duas realizações fonéticas distintas. Porém, na explicação da diferença entre as respetivas pronúncias, o gramático não é muito preciso, mas parece-nos que contempla o <a>, enquanto vogal anterior ou palatal [a], por exemplo, *Il a un livre*, que deve pronunciar-se *i-lá eum livre*, *[il a ẽ livR]¹ e o [a] posterior ou velar, como em *À Pierre*, que deve pronunciar-se *a Pierre*, *[a pjẽR].

<e> com pronúncia de [ə], [e], [ɛ]

Relativamente à pronúncia da vogal <e>, não há consenso entre os gramáticos, pois um grupo adianta o <e> mudo, também apelidado de breve, obscuro ou feminino; o <e> masculino ou

¹ Para efeitos de transcrição fonética, não assinalamos o alongamento das vogais nem as sílabas tónicas.

fechado; e o <e> aberto. São partidários desta divisão Desmarais (1707, pp. 20-21), Buffier (1711, p. 270), Lima (1733, p. 3) e Restaut (1812, p. 3). O outro grupo, no qual se posicionam La Touche (1710, pp. 3-4) e Durand (1836, p. 3), subdivide o <e> aberto em aberto propriamente dito e muito aberto. Esta dissensão de opiniões a propósito da pronúncia e da grafia do grafema <e> manteve-se constante entre os gramáticos e ortógrafos franceses, sobretudo, até ao século XVIII, como nos testemunha Thurot (1881, p. 39): “L’histoire de la prononciation de l’*e* est d’autant plus malaisée à faire, que la notation des différentes espèces d’*e* dans l’écriture n’est devenue générale qu’au XVIII^e siècle” [A história da pronúncia do *e* é tanto mais difícil de fazer, quanto a notação das diferentes espécies de *e* na escrita que só se tornou geral no século XVIII. Tradução nossa].

Na explicação dos sons concernentes ao grafema <e>, Durand apoia-se sobretudo nos sinais diacríticos. O <e> mudo corresponde à vogal média ou central [ə], pois, além de não ser acentuada graficamente², “[...] não se profere quasi nada” e deve acentuar-se “[...] com força a consoante que o precede” (Durand, 1836, p. 3), como em *coutume*, *bagage* e *dame*, *[kutym(ə)], *[bagaʒ(ə)] e *[dam(ə)]. No plano gráfico e tendo em atenção a noção de sílaba, defende que a vogal em causa nunca se encontra em início de sílaba, nem em duas sílabas consecutivas, cuja exceção recai apenas em alguns compostos com os prefixos *re-* e *de-*, como, por exemplo, *redevoir*, *redevoar* *[RədəvwaR].

Defende que este som pode ser suprimido, na oralidade, nos casos em que se encontra em final de palavra, quer esteja no singular ou plural, e é precedido de outra vogal, sendo o caso de *adorée*, *adorées*, e *jolie*, *jolies*, *adôré*, *jôlî*, *[adɔRe], *[ʒɔli]; sempre que ocorre uma vogal ou *h* não aspirado que, por via da sinalefa, faz unir a consoante anterior com a vogal que se lhe segue, como *écrire une lettre*, *écrire-une lètre* *[ekRiR yn lɛtR]; e nas terceiras pessoas do plural dos verbos que terminam em *-ent*, eliminando-se esta terminação e pronunciando a sílaba que resta como longa, por exemplo, *Ils rient*, *i rî* *[i Ri]. A vogal [ə] também não é pronunciada quando a seguir a um monossílabo existe um *h* não aspirado, pelo que toma o som da vogal que se lhe segue, por exemplo, *j’aspire*, *jaspire* *[ʒaʃ piRe]; e quando o adjetivo feminino *grande* é seguido de um nome, e a preposição *entre* é seguida de uma vogal, por exemplo, *grand’mère* e *entre*, *gram mère*, *entr’elle* *[gRã mɛR(ə)] e *[ãtR ɛl(ə)]. O mesmo som é omitido no futuro e no condicional dos verbos em *-ier*, *-uer* e *-ouer*, como *j’étudierai*

² Inclui nesta regra os seguintes monossílabos “de, ce, je, le, me, ne, te, se que” (Durand, 1836, p. 7).

*[ʒɛtydiRɛ], assim como no meio da dicção de alguns nomes e advérbios, por exemplo, *remerciment* *[R(ə)mɛRsimã], no pretérito e particípio passivo do verbo *avoir*, por exemplo, *j'eus* *[ʒy] e o <e> que precede as terminações do futuro e do condicional presente, como *j'aimerai, j'émeré* *[ʒɛm(ə)Rɛ], excetuando os verbos que têm dois –rr– depois de *e* que passa a mediano, por exemplo, *je verrai, je verrè* *[ʒeveRe].

Durand tece ainda algumas considerações a respeito da alteração vocálica a que a vogal média ou central [ə] está sujeita, tendo em conta a sua posição na palavra. Assim, esta vogal passa a vogal anterior semifechada [e] sempre que “[...] o pronome *je* se acha depois de hum verbo interrogativo, que acaba com *e* mudo [...]” (Durand, 1836, p. 6), que é substituído por “é fechado”, como *aimé-je? émé je?* *[eme ʒə]. Também La Touche (1710, p. 6) tece alguns comentários a este respeito, pois admite que “l’*E* final, que est féminin à la première personne du présent de l’indicatif dans les verbes de la première conjugaison, devient masculin, lors qu’on interroge, comme; *je parle, parlé-je? Je chante, chanté-je? &c.*” [O *E* final, que é feminino na primeira pessoa do presente do indicativo nos verbos da primeira conjugação, torna-se masculino quando faz parte de uma interrogação, como eu falo, falo eu? Eu canto, canto eu? Etc.. Tradução nossa]. Por outro lado, fazendo jus ao peso da autoridade do uso, Francisco Clamopin Durand advoga que o pronome *je* não admite uma posição pós-verbal em verbos que não terminem “com *e* mudo”, pelo que se deve “mudar a frase”, por exemplo, *perds-je?* Deve ser substituído por *est-ce que je perds? È ce ke je pèr?* *[e sə kə ʒə peR].

Pelo recurso, de novo, ao constituinte diacrítico, subsidiado por um elemento de base articulatória, em concreto ao grau de abertura, Durand caracteriza o grafema <e> masculino ou fechado que parece corresponder à vogal anterior semifechada [e] como aquele que “[...] leva regularmente hum accento agudo, e se pronuncia abrindo a boca medianamente” (Durand, 1836, p. 7), por exemplo, *vérité, vérité* *[veRite]. Seguem a mesma regra todos os plurais dos nomes em causa, ou seja, todos aqueles que terminam em –és. Este aspeto é por si só revelador de que o autor estava perfeitamente consciente da moderna ortografia da época, pois, como sublinhou Buffier, a respeito da diferença prática entre a antiga e a nova ortografia,

dans l’ancienne, le son de l’*é* fermé long se designe par *ez*, sans aucun accent: comme le *nez, aimez*; [...] Dans la nouvelle le son de l’*é* fermé long, se designe par *és* avec un accent aigu, le *nés, aimés*; [...] mais *ez* peut s’employer même dans la nouvelle orthographe, pour marquer un

é fermé qui se prononce long; car il n'est sujet à aucune equivoque, & il épargne la peine de metre un accent sur l'e (Buffier, 1754, p. 385).

[na antiga, o som fechado longo do *é* é designado por *ez*, sem qualquer acento: como *le nez, aimez*; (...)] Na nova, o som do *e* fechado longo é designado por *és* com um acento agudo, *le nés, aimés*; (...), mas *ez* pode ser usado mesmo na nova ortografia, para marcar um *é* fechado que se pronuncia longo; porque não está sujeito a qualquer equívoco, & poupa o trabalho de colocar um acento no *e*. Tradução nossa].

De facto, Durand (1836, p. 8) argumenta que “póde dar-se como regra geral, que os nomes, e verbos, que terminem na syllaba *ez*, tem som de *é* fechado”, por exemplo, *le nez, venez, le né, vené*, *[lə ne] e *[və ne], hoje [v(ə)ne]. Da mesma forma, têm o som [e] o particípio passivo plural dos verbos, como *aimés, émé* *[eme], hoje [eme]; todos os infinitivos dos verbos em *-er*, depois de *lhe* ser suprimida a terminação *-r*, por exemplo, *soupirer, supiré*, [supiRe], tal como a pronúncia atual; e os nomes que terminam em *-er*, como, *papier, papié*, atualmente [papje]. Pela grafia apresentada neste último exemplo, Durand parece não reconhecer a existência do encontro vocálico <ie> enquanto ditongo [je], mas de hiato [ie], visto que nem o considera na lista dos ditongos impróprios, cuja caracterização assenta na conceção de som, pois corresponde a “[...] duas, ou tres vogaes unidas, que exprimem hum som simples” (Durand, 1836, p. 12), nem o contempla no rol do que apelida de ditongos próprios que, pelo recurso ao critério silábico coadjuvado pela sonoridade, são aqueles que “[...] formão duas syllabas, ou dous sons differentes” (Durand, 1836, p. 20), fazendo corresponder a <ie> o ditongo [jɛ], por exemplo, *diète, diète* *[djɛtə], hoje [djɛt], e não o [je].

O gramático apresenta, em seguida, as exceções à regra da pronúncia da vogal [e] dos nomes que terminam em *-er*³, argumentando que todos os monossílabos se devem pronunciar com a vogal semiaberta [ɛ], pronunciando-se também o *-r*, por exemplo, *mer, mèt* [mɛR], de acordo com a pronúncia atual, assim como os nomes próprios, como *Jupiter, Jupitèt*, [ʒypitɛR], tal como nos dias de hoje. Admite, ainda, que alguns nomes substantivos e adjetivos têm o mesmo som, por exemplo, *l'hiver, livèt*, [livɛR], correspondendo também à pronúncia atual. Pelo contrário, todos os advérbios formados dos particípios que terminam em <e> fechado conservam o dito som, a saber, *assuré, assuré*, [asRe], que corresponde à pronúncia da atualidade, tal como a conjunção *et* que tem o som fechado, ignorando-se a pronúncia do *-t*: *[e].

³ Recorde-se que Caetano de Lima (1733, p. 6) fez um tratamento muito exaustivo deste assunto.

Para terminar, Durand socorre-se, de novo, dos sinais diacríticos, em concreto do acento agudo, como meio auxiliador da identificação do som das unidades silábicas de cariz vocálico, admitindo que as sílabas que se grafarem com acento agudo, no início, no meio ou no fim, devem pronunciar-se com a vogal anterior semifechada [e].

À semelhança de La Touche (1710) e Restaut (1812)⁴, Durand subdivide o grafema <e> aberto em “aberto”, propriamente dito, e “mediano”, cuja caracterização é assente em bases articulatórias e fisiológicas. O <e> aberto parece corresponder à vogal anterior semiaberta [ɛ], pois é aquele em que “[...] se abre mais a boca para o pronunciar [...]”⁵ (Durand, 1836, p. 9). O <e> mediano “[...] deve guardar hum meio entre o è aberto, e o é fechado, pronunciando-se com hum abertura de boca maior do que o é fechado, e menor do que o è aberto” (Durand, 1836, p. 9). Ora, como já tivemos oportunidade de referir anteriormente, excetuando La Touche (1710) e Restaut (1812), nenhum dos outros autores que são referenciados explicitamente por Durand estabelece esta dissemelhança, embora todos eles reconheçam esta variabilidade de pronúncia do <e> aberto, incluindo o gramático português Luís Caetano de Lima (1733, p. 6), que admite ser um pormenor sem grande importância. Este assunto, de resto, constitui um motivo de discordância para os gramáticos franceses até ao século XIX, como o comprovam os estudos levados a cabo por Fouché (1969) e Morin e Ouellet (1991).

Embora a pronúncia atual faça a neutralização das diferenças de pronúncia do grafema <e>, aberto e muito aberto, em [ɛ], tal como o fizeram muitos dos gramáticos setecentistas, a explicação da diferença adiantada por Francisco Clamopin Durand é bastante coerente. Na realidade, o autor esclarece, apoiado no sinal diacrítico e na constituição silábica, que o <e> aberto é “[...] accentuado com *accento grave*: advertindo que o dito è ha de estar na ultima syllaba masculina ès” (Durand: 1836: 9), como, por exemplo, *procès e progrès, prôcè,*

⁴ La Touche diz que o “[...] troisième *E* se nomme ouvert, parce qu’on le prononce là bouche plus ouverte qu’on ne fait les des deux précédens. [...] Le quatrième *E* s’appelle très-ouvert. Il ne difere du précédent, qu’en ce qu’il se prononce plus long & la bouche encore plus ouverte” (La Touche, 1710, p. 5) [...] terceiro *E* é chamado aberto, porque é pronunciado com a boca mais aberta do que os dois anteriores. [...] O quarto *E* chama-se muito aberto. Difere do anterior apenas na medida em que se pronuncia mais longo e com a boca ainda mais aberta. Tradução nossa].

Por sua vez, Restaut argumenta que “l’*e* un peut ouvert, qui se prononce avec une ouverture de bouche un peu plus grande que celle qu’il faut pour la prononciation de l’*e* fermé [...]. L’*e* fort ouvert, qui se prononce avec une ouverture de la bouche plus considérable” (Restaut, 1812, p. 4) [o *e* pode ser aberto, que se pronuncia com uma abertura da boca um pouco maior do que a necessária para a pronúncia do *e* fechado [...]. O *e* muito aberto, que é pronunciado com uma maior abertura da boca. Tradução nossa].

⁵ Embora Durand estabeleça a distinção entre o “e aberto” e o “e mediano”, nas soluções fonéticas que apresenta não se verificam quaisquer diferenças entre esses sons, havendo uma clara correspondência à vogal [ɛ], pelo que optamos, nas transcrições fonéticas que apresentamos, por fazer essa neutralização, respeitando as propostas do autor.

*prôgrê*⁶, havendo uma correspondência com a pronúncia atual [pRɔsɛ] e [pRɔgRɛ], respectivamente⁷. De resto, este som de <e> é o mesmo que La Touche (1710, p. 5) apelida de “três ouvert”, de que é exemplo a palavra *procès*. Seguindo ainda este gramático (La Touche, 1710, p. 5), Durand (1836, pp. 9-10) admite ainda a pronúncia da vogal [ɛ] em “todos os nomes, que tiverem hum accentu circumflexo no ê, [...] e distinguirão as syllabas longas das breves”, como em *tête* e *fête*, *tête*, *fête*, respectivamente *[tɛtə] e *[fɛtə], hoje [tɛt] e [fɛt]. Neste contexto, chama a atenção para o facto de não existir nenhum nome ou verbo que “[...] principie por ê com accentu circumflexo, ou por è aberto [...]” (Durand, 1836, p. 10), excetuando o infinitivo do verbo *être*.

Tendo em atenção a relação grafia-fonia, o autor contempla ainda os casos em que a vogal [ɛ] não é acentuada graficamente, sobretudo quando está antes de <-r, -rs, -ct>, por exemplo, *mer*, *mèr*, *[mɛR].

Para terminar, Durand esclarece a alternância vocálica do grafema <e> dos monossílabos *mes*, *tes*, *ses*, *les*, *des*, *ces*, tendo em conta a posição em que ocorrem. Assim, quando precedem o nome substantivo, pronunciam-se com a vogal anterior semifechada [e], como *mes amis*, *mè-zami* *[me zami], e quando estão no fim de frase pronunciam-se com a vogal anterior semiaberta [ɛ], como, e *dites-les*, *dite là* *[dite lɛ]. A este respeito, e como já aludimos anteriormente, convém salientar que Durand considera a existência de um som mediano do grafema <e> que, em termos de pronúncia, se poderá situar entre o “e fechado” e o “e aberto”, pelo que os monossílabos acima apontados, quando precedem o nome substantivo, recebem a dita pronúncia. Este ponto de vista é precisamente defendido por La Touche, que argumenta que

Les Grammariens font l’E ouvert dans tous les monosylabes, comme dans *mes*, *tes*, *ses*, *ces*, *les* &c. Cependant dans les six mots que je viens de spécifier, on prononce l’e dans la conversation fort aprochant du masculin, lors qu’il suit une consone; [...] Exemples: *mes freres*, *mes soeurs*; *mes amis*, *les hommes*, &c. prononcez presque comme *mé freres*, *mé soeurs*; *me zamis*, *le zhommes*, &c. (La Touche 1710, p. 5).

[Os gramáticos fazem o E aberto em todos os monossílabos, como em *mes*, *tes*, *ses*, *ces*, *les*, *des* &c. Contudo, nas seis palavras que acabo de especificar, o e é pronunciado, na conversa, muito próximo do masculino, quando segue uma consoante; (...) Exemplos: *mes freres*, *mes*

⁶ Durand clarifica a alternância vocálica de [ɛ] para [e], mais uma vez, pelo recurso à constituição silábica, nos casos em que a dita sílaba masculina se encontrar “[...] seguida imediatamente de outra masculina em alguns nomes derivados” (Durand, 1836, p. 9), como em *procéder* e *professer*, *prôcède* e *prôfessé*, parecendo ir ao encontro da pronúncia atual [pRɔsede] e [pRɔfese].

⁷ Da mesma forma, admite que as palavras *très*, *dès* e *après* têm também o som de [ɛ], que corresponde à pronúncia atual [tRɛ], [dɛ] e [apRɛ].

soeurs; mes amis, les hommes, &c. pronunciados quase como *mé freres, mé soeurs; me zamis, le zhommes, &c.* Tradução nossa].

No que diz respeito ao grafema <e> com a pronúncia do que apelida de mediano, Durand assenta a sua explicação não só na posição que ele assume na palavra, como também no critério da acentuação gráfica, enquanto elemento distintivo do som em causa. Com efeito, “o è mediano conhece-se ordinariamente por se achar seguido de huma consoante que faz syllaba com o e mudo final. Poremos pois hum accento grave no è penultimo dos nomes, que acabarem em *èce, ède, èle, ème, ère, èse, ète, ève*” (Durand, 1836, p. 10), à exceção da “[...] syllaba *ége* que ha de levar hum accento agudo” (Durand, 1836, p. 10), por exemplo, *zèle, zèle; thèse, tèse; collège, collège* hoje pronunciadas com [ɛ], [zɛl], [tɛz] e [kɔləʒ]. Segundo o autor, se a seguir ao grafema <e> mediano se encontrarem “[...] duas consoantes, ou hum x, então não levará accento” (Durand, 1836, p. 10), como, *belle, bèle*, hoje pronunciadas com [ɛ], [bɛl].

<i, y> com pronúncia de [i]

Relativamente ao tratamento da pronúncia do grafema <i> com a oscilação gráfica em <y>, Durand é muito sintético, sobretudo se compararmos o seu estudo ao de Lima (1733, p. 8). Durand prescinde de qualquer traço articulatorio na descrição de <i>, atendendo apenas à posição que ele assume na palavra, pois “[...] antes de huma consoante, pronuncia-se do mesmo modo, que em Portuguez” (Durand, 1836, p. 10). Reconhece, assim, que o som em causa tem o valor da vogal anterior fechada [i], por exemplo, *irriter, irrite* [iRite], que corresponde à pronúncia atual.

<o> com pronúncia de [ɔ], [o]

No concernente ao grafema <o>, Durand é ainda mais sintético, limitando-se a admitir que tem o mesmo som que em português. Apesar disso, pela análise dos exemplos, podemos verificar que contempla a vogal posterior semiaberta [ɔ] e a posterior semifechada [o], na medida em que se supõe que casos como os de *homme* se pronunciam com [ɔ] semiaberta, *ôme* *[ɔm(ə)]; e casos como de *rôle* se articulam com [o] semifechada, *rôle* *[Rol(ə)], hoje [ɔm] e [Rol]. A distinção das pronúncias em causa parece prender-se com questões de

acentuação gráfica, na medida em que o gramático admite que “quando o *o* he longo, leva hum *accento circumflexo*” (Durand, 1836, p. 11), por exemplo, *hôte* e *apôte*.

<u> com pronúncia de [y]

Na pronúncia do grafema <u>, Durand parece revelar alguns problemas na explanação da sua teoria, defendendo que a respeito do som em causa “[...] não se póde dar regra clara” (Durand, 1836, p. 11). Estas dificuldades não são exclusivas deste gramático, como o comprovam os estudos levados a cabo por Kemmler (2012) sobre a gramática de Francisca Chantal Álvares e Moura (2016) sobre a gramática de Luís Caetano de Lima, que põem em evidência as dificuldades destes gramáticos em explicar cabalmente a pronúncia de um som desconhecido de um público não francófono. De facto, explicar um som característico do sistema linguístico da língua francesa, cuja existência em Portugal se reduzia a um ou a outro dialeto *a priori*, traria muitos problemas a um estudante luso, pelo que Durand aconselha que se deva *imitar a voz do Mestre*⁸.

Mesmo assim, apoiado no traço articulatório, particularmente quanto à posição dos lábios, Francisco Clamopin Durand admite para o grafema <u> a pronúncia da vogal anterior fechada arredondada [y] em que “[...] se dispõem os beiços da mesma sorte, como quando queremos assobiar” (Durand, 1836, p. 11), por exemplo, *chûte*, *xûte*, *[jyt(ə)], nos dias de hoje [jyt].

Durand ainda reconhece a vogal posterior fechada arredondada [u], fazendo-a corresponder ao digrama <ou>, já que considera que “estas duas vogaes tem o mesmo som que o *u* Portuguez” (Durand, 1836, p. 15), como em *nourrir*, *nurri*, *[kRutə], hoje [kRut], sendo um aspeto que já tinha sido tratado por Lima (1733, p. 65). Além disso, quando faz o tratamento das vogais compostas, Durand (1836, p. 13) defende, relativamente à grafia <aou>, que corresponde à vogal [u], por exemplo, *août*, embora não apresente a correspondência fonética, mas que julgamos equivaler à pronúncia atual [ut], sendo de resto uma posição defendida por muitos gramáticos franceses da época, como o faz notar Thurot (1881, p. 505).

Vogais compostas

⁸ A peculiaridade deste som é referenciada pelas fontes primárias de Durand, em concreto Desmarais (1707, pp. 60-61) e La Touche (1710, p. 9).

No tratamento das vogais compostas, as quais também intitula de ditongos impróprios, Durand apoia a sua caracterização no plano gráfico e funcional, já que admite que “são duas, ou tres vogaes unidas, que exprimem hum som simples” (Durand, 1836, p. 12), pelo que esta definição parece ter sido colhida de Restaut (1812, p. 2), que havia caracterizado as vogais compostas de uma forma muito similar, pois considerava que “Ce sont celles qui s’expriment par deux ou trois voyelles, lesquelles ne forment qu’un seul son simple” [Estas são as que se exprimem por duas ou três vogais, que formam um único som simples. Tradução nossa].

<ai, ay, eai> com pronúncia de [e] e [ɛ]

Durand explica claramente as sequências vocálicas <ai, ay, eai> como vogal anterior semifechada [e] nos pretéritos e futuros dos verbos, como *je donnai, je dôné* *[ʒə dɔne], que corresponde à pronúncia atual [ʒə dɔne]; nos monossílabos que terminam em <ei>, por exemplo, *mai, mé* *[me], atualmente com valor fonético de [ɛ], [mɛ]; nos nomes que começam por <ai> *aimant, émám* *[emã], hoje [ɛmã], mas que é perfeitamente justificável na época devido à instabilidade gráfica e de pronúncia, como já referenciamos. As exceções a esta regra, porque têm valor fonético de vogal anterior semiaberta [ɛ], encontram-se, de acordo com o autor, no monossílabo *vrai*, tal como na pronúncia atual [vRɛ]; no meio dos nomes, quando a sílaba seguinte começa por <s>, ou o nome termina em <s>, por exemplo, *maison, mézôm*, [mezɔ̃], *jamais, jamè* [ʒameɛ], como atualmente; e “quando depois do *ai* se segue hum *t*, ou *d*, que não faz syllaba [...]” (Durand, 1836, p. 13), por exemplo, *lait, lè*, [lɛ], correspondendo à pronúncia da atualidade.

<aie, aye, aient> com pronúncia de [ɛ]

Durand é extremamente sintético e parece não revelar qualquer problema na explicação dos sons correspondentes às grafias <aie, aye, aient> em [ɛ], dizendo somente que “os monosyllabos, nomes, e verbos, que acabão com estes, sôão como è aberto” (Durand, 1836, p. 13), como *vraie, vrè*. *[vRɛ] que de resto se manteve ao longo dos tempos, como defendeu Thurot (1881, p. 499) ao admitir que “[...] la prononciation d’*ai* par *e* ouvert était depuis longtemps en usage” [a pronúncia de *ai* por *e* aberto estava em uso há muito tempo. Tradução nossa].

<ao, aou> com pronúncia de [a]

A este respeito, Durand limita-se a dizer que o som em causa deve pronunciar-se [a], por exemplo, *paonneau*, *pano*, atualmente [pano].

<au, eau> com pronúncia de [o]

Sendo também extramente breve na explicação da pronúncia do som em causa, na medida em que se limita a afirmar que tem “som de o”, Francisco Clamopin Durand apresenta os exemplos de *aujourd’hui*, *ôjurdui* e *bateau*, *batô*, *[oʒuRdyi] e *[bato], identificando os sons respetivos como vogal posterior semifechada [o], também assim designada pelas suas fontes, em concreto La Touche (1710, p. 40), pelo que há correspondência à pronúncia atual.

<ea> com pronúncia de [a]

À semelhança dos casos anteriores, também no que diz respeito ao digrama <ea>, Durand tece considerações muito breves, limitando-se a adiantar que tem “som de a”, admitindo a pronúncia da vogal anterior ou palatal [a], por exemplo, *il songea*, *i sônjá* *[il sõʒa], sendo que La Touche (1710, p. 41) dava um ponto de vista muito semelhante sobre o assunto, pois “l’E ne sonne point dans cett fausse diphthongue, & on ne le met que pour adoucir la prononciation du c ou du g qui le précédent. Exemples: *tu avanceas* [...]. Prononcez, *tu avansas*” [o l’E não soa nesse falso ditongo e é usado apenas para suavizar a pronúncia do c ou do g que o precede. Exemplos: *tu avanceas* [...]. Pronunciada, *tu avansas*. Tradução nossa].

<ei, ey> com pronúncia de [ɛ]

Durand define o digrama <ei, ey> como vogal anterior semiaberta [ɛ] “no meio, ou no fim dos nomes [...]” (Durand, 1836, p. 14), por exemplo, *peine*, *pène*, *[pɛn(ə)], hoje [pɛn], revelando-se conhecedor da ortografia mais recente da época, pois, como comprova Thurot (1881, p. 499), a partir do século XVII, “les grammairiens ne donnent plus à *ei* que le son d’*e* sans *i*” [os gramáticos dão apenas ao *ei* o som de *e* sem *i*. Tradução nossa]. No entanto, logo a seguir, chama a atenção para o facto de nas sequências <eim, ein>, na mesma sílaba, se pronunciarem juntas, por exemplo, *éteindre*. No entanto, a respetiva proposta fonética não parece corresponder à explicação dada, já que indicia a correspondência com a vogal nasal

[ê], *[etẽdR (ə)], hoje [etẽdR], existindo a neutralização de <ein> em [ê], embora não se refira à nasalidade em causa. O gramático prevê ainda a existência de hiato na sequência <ei> sempre que existam “[...] dois pontos, ou algum accento no *e* [...]” (Durand, 1836, p. 14), por exemplo, *obéir, ôbéi* *[ɔbei], hoje [ɔbeiR].

<eo> com pronúncia de [ɔ]

Segundo o autor, o digrama <eo> corresponde à vogal posterior semiaberta [ɔ], como em *George, jôrge*, *[ʒɔRʒə], atualmente [ʒɔRʒ], mas se tiver acento “[...] no *é*, as duas vogas se pronunciarão séparadas” (Durand, 1836, p. 14), pelo que prevê a existência de hiato, por exemplo, *géographe, jéôgráfe* *[ʒeɔgRaʒə], hoje [ʒeɔgRaʒ].

<eu> com pronúncia de [œ]

À semelhança de Lima (1733, p. 60) e Álvares (1786, p. [II]), Francisco Clamopin Durand revela muitas dificuldades em explicar o digrama <eu> com valor atual da vogal anterior arredondada semiaberta [œ], que pensamos dever-se ao facto de não existir no sistema linguístico do português, tal como tinha acontecido com a vogal anterior fechada arredondada [y]. Consequentemente, argumenta que este “[...] som vem a ser quasi como hum *e* escuro formando sómente hum som” (Durand, 1836, p. 15), como em *peur, peur*, *[pœuR], atualmente [pœR], opinião que é partilhada pelas suas fontes, quer por Desmarais (1707, p. 67), quer por Buffier (1711, p. 280) e sobretudo por La Touche (1710, p. 42), que comprova que estas “[...] deux lettres ont ordinairement un son confus. Exemples: *peur, pleurer, jeune*, &c. Mais eles ont le son d’un *u* seulement” [(...) duas letras têm normalmente um som confuso. Exemplos: *peur, pleurer, jeune*, &c. Mas eles apenas têm o som de um *u*. Tradução nossa].

<oi, oy, eoi, eoy> com pronúncia de [ɛ]

Thurot (1881, p. 358) apresenta um estudo exaustivo a respeito da instabilidade fonética da sequência <oi> na língua francesa, sobretudo no século XVIII, à qual Durand não parece ser alheio, na medida em que se revela pouco preciso e até indeciso na exposição das regras do som em causa. Defende, assim, que esse som corresponde a [ɛ], regularmente nos imperfeitos

e condicionais dos verbos, por exemplo, *je parlais, je parlè*, hoje [ʒə paRlɛ]⁹. Continua, sem qualquer esclarecimento adicional, a ditar as regras que pensamos dizerem respeito à pronúncia de [ɛ], advogando que ela se aplica “no infinitivo dos verbos, que acabão em *oître*, e os seus compostos” (Durand, 1836, p. 15). Porém, nem em todos os exemplos apresentados pelo autor existe correspondência com a regra respetiva, já que num dos exemplos se verifica uma realização diferente em [wa], *croître, croàtre*, hoje [kRwatR].

Não obstante este aspeto, no parágrafo que dedica ao estudo dos ditongos próprios, Durand estabelece os casos em que as grafias <oi, oy, eoi, eoy> são consideradas ditongos e não vogais compostas, atribuindo-lhes duas pronúncias possíveis em <oa> e <oè>, embora prefira a primeira. No entanto, deixa ao critério do falante a opção que achar mais conveniente, por exemplo, *moi, moá*, hoje [mwa], pois considera que

geralmente pronúncia-se como *oè* aberto; seguindo a opinião dos Senhores de *Vaugelas, Regnier- Desmarais, la Touche, Buffier, Restaut*, e outros muitos Academicos; mas o certo he, que estes dithongos sôão mais em *oa*, do que em *oè*. Não decido a duvida; porém supprimiremos o accentto grave do *e*, para que este dithongo se pronuncie em huma só syllaba; de sorte que não ha de sôar em *oa*, nem em *oè* aberto; mas sim guardando hum meio nestes dois sons. Os curiosos pódem servir-se de ambos os dois sons, pois tanto custa pronunciar *oa*, como *oè* (Durand, 1836, p. 21).

Acresce ainda notar, a propósito da pronúncia de <oi>, que Thurot (1881, p. 361) faz o comentário que se segue a respeito do nosso autor: “Durand, qui écrit, aussi en 1767, pour des Portugais, assure que *oi* se prononce plutôt comme *oa* que comme *oè* que le son est intermédiaire entre *a* et *ê*, et qu’on peut prononcer de l’une et l’autre manière” [Durand, que também escreve em 1767 para os portugueses, garante que *oi* se pronuncia mais como *ao* do que *oè*, que o som é intermédio entre *a* e *ê*, e que pode ser pronunciado de uma ou outra maneira. Tradução nossa].

Como se depreende das palavras de Durand, a questão da pronúncia da sequência em causa foi motivo de dissensão quer para os gramáticos franceses, quer para os gramáticos portugueses que escreveram gramáticas que se debruçam sobre a língua francesa, como foi o caso de Lima (1733) e Álvares (1786). No entanto, a regra que atualmente é adotada para a

⁹ Têm também som de [ɛ] os nomes *faible* e *roide* e seus compostos, por exemplo, *faiblesse, fèblèce*, hoje [fɛblɛs]. Neste aspeto, o autor alerta para o facto de as opiniões serem diversas e alguns autores preferirem o som [e]. Têm ainda a mesma pronúncia de [ɛ] o presente do indicativo dos verbos e participios que terminam em <-oître> com mais de duas sílabas, como *je connais, je cōnnè*, que se aproxima da pronúncia atual [ʒə kɔnɛtR].

pronúncia de <oi> mantém a tendência para a utilização sistemática do som [wa], consubstanciando a opinião manifestada por Durand.

<ai, oi, oient, eoient> com pronúncia de [ɛ]

O autor é muito sintético no que diz respeito a estas sequências vocálicas, admitindo apenas que têm som de [ɛ], como *paraître, parêtre*, hoje [paRɛtR].

Vogais nasais

Durand (1836, p. 16) argumenta que “todas estas vogaes antes de *m*, e *n* fazendo syllaba, tem o nome de nasaes, porque são proferidas alguma cousa pelo nariz”, pelo que é o primeiro autor a escrever uma gramática francesa, usando como metalinguagem o português, a reconhecer a existência da oposição entre a oralidade e nasalidade¹⁰, ainda que de uma forma incipiente. De facto, apoiado em critérios fisiológicos, reconhece o traço nasalidade vocálica, porquanto a produção do som implica a intervenção do nariz, sem qualquer alusão, no entanto, à descrição articulatória. No plano gráfico, as vogais nasais são representadas mediante a utilização de um <m> ou <n> na mesma sílaba. Esta definição parece ter sido baseada na de Restaut, que defendia que as vogais nasais são “[...] des voyelles qui se prononcent un peu du nez, et qui s’expriment par une ou deux voyelles suivies d’une *n* ou d’une *m*” (Restaut, 1812, p. 3) “[...] vogais que são pronunciadas um pouco do nariz, e que são expressas por uma ou duas vogais seguidas por um *n* ou um *m*. Tradução nossa].

Posteriormente, Durand apresenta as sequências vocálicas que considera corresponderem a vogais nasais e, embora seja bastante sintético, faz uma análise séria e coerente, identificando as quatro vogais nasais francesas que correspondem à pronúncia da atualidade. Deste modo, apoiado nos elementos que constituem a sílaba, advoga que as sequências <am, an, ean, em en, aen, aon> têm o som de <am>, ou seja, da atual vogal nasal, posterior, aberta, não arredondada [ã], por exemplo, *danse, damce*, atualmente [dãs]. A sequência <ian> deve pronunciar-se <iam>, como *viande, viamde*, hoje [vjãd]; o mesmo acontecendo com os nomes que vêm do latim, por exemplo, *science, siamce*, pelo que há também correspondência com a

¹⁰ Nem Luís Caetano de Lima (1733) nem Francisca de Chantal Álvares (1786) fazem esta distinção.

pronúncia atual [sjã̃s]. Por fim, as sequências <ouan, ouen> pronunciam-se como em português <uam>, por exemplo, *en jouant am jûam*, hoje [ã̃ ʒwã̃].

As grafias <aim, ain, im, in> pronunciam-se como <éim>, pelo que corresponde à vogal nasal anterior, semiaberta, não arredondada [ɛ̃], por exemplo, *cousin, cuzém*, na transcrição fonética moderna [kuzɛ̃]. Os monossílabos têm som de <iém>, por exemplo, *rien, riém*, atualmente [Rjɛ̃], assim como a terceira pessoa dos verbos *il vient, i viém*, hoje [il vjɛ̃], e ainda no princípio ou no fim do nome, por exemplo, *maintien, méimtiém*, hoje [mɛ̃tjɛ̃]. Tem ainda valor de [ɛ̃] a sequência de <oin>, que deve pronunciar-se <oéim> numa única sílaba, por exemplo, *besoin, bezoém*, atualmente [bɛ̃zwɛ̃]. Defende, por fim, que a sequência <uin> “tem som de *u* Francez, e de *éim*” (Durand, 1836, p. 18), por exemplo, *juin, juém*, que também corresponde à pronúncia atual [ʒyɛ̃]; e a sequência <ouin> “tem som de *u* Portuguez, e de *éim*” (Durand, 1836, p. 17), como *babouin, babuéim*, atualmente [babwɛ̃].

As sequências gráficas que correspondem à atual vogal nasal posterior semiaberta arredondada [ɔ̃] são <om, on, eon>, cuja pronúncia corresponde a <ôm>, por exemplo, *ombre, ômbre*, atualmente [ɔ̃bR], e <ion>, que corresponde à pronúncia <ion>, por exemplo, *consolation, côm̃sôlaciôm̃*, modernamente [kɔ̃sɔlasjɔ̃].

Para terminar, defende que as grafias <um, un> devem pronunciar-se <eum>, “[...] atendendo ao *u* Francez” (Durand, 1836, p. 16), cuja referência corresponde à atual vogal nasal, anterior, semiaberta arredondada [œ̃], por exemplo, *chacun, xakeúim*, hoje [ʃakœ̃].

Ditongos próprios

Entre os gramáticos e ortógrafos do século XVIII, o ditongo é um dos aspetos mais problemáticos das línguas latinas, e a francesa não é exceção, “dele decorrendo parte da instabilidade gráfica verificada na representação do vocalismo” (Gonçalves, 2003, p. 81). Esta controvérsia não é alheia às fontes citadas por Durand, muito embora pareça ter existido algum consenso no que diz respeito à definição de ditongo, já que a sua caracterização é apoiada na ideia de sílaba, ressaltando o facto de só se poderem considerar como tal os casos em que a sonoridade fosse estendida aos dois elementos silábicos. É esta a opinião de La Touche, que defendia que “La Diphthongue est un assemble de deux, de trois, ou de quatre voïelles, qui forment deux sons diférens dans une seule syllabe” (La Touche, 1710, p. 37) [O

ditongo é um conjunto de duas, três, ou quatro vogais, que formam dois sons diferentes numa única sílaba. Tradução nossa], e de Restaut, que advogava que “Ce sont plusieurs voyelles qui expriment un double son, et qui se prononcent en une seule syllabe” (Restaut, 1812, p. 3) [São várias vogais que exprimem um som duplo, e que são pronunciadas numa só sílaba. Tradução nossa]. Durand parece perfilhar a opinião dos seus mestres, pois admite que são ditongos “[...] porque formão duas syllabas, ou dous sons differentes” (Durand, 1836, p. 20), conquanto não entre em reflexões teóricas sobre o conceito, pois o seu objetivo primordial é evidenciar a pronúncia correta da língua francesa a um público não francófono. Por essa razão, é extremamente sintético, limitando-se a apresentar a grafia do som em causa com a transcrição da pronúncia respetiva, reconhecendo vinte e um ditongos na língua francesa.

Assim sendo, admite que a grafia <ae> se pronuncia como em português, “[...] guardando cada vogal o proprio som” (Durand, 1836, p. 20), por exemplo, *aérien*, *aériém*, que condiz com pronúncia atual de duas vogais em hiato [aeRjẽ]. No <ao>, há uma correspondência entre a grafia e a fonia, por exemplo, *pharaon*, *[aeRjẽ] *faráôm*, hoje considerado hiato [faRaõ]. As sequências <aia> ou <aya> pronunciam-se <éia>, por exemplo, *ayant*, *éiám*, hoje [ejã], pelo que se identifica o ditongo nasal [jã]. Há também correspondência entre a grafia e a fonia na sequência <aio, ayo>, *baïonette*, *baiônète*, *[bajõnet], que corresponde ao ditongo oral [aj]. O digrama <ia>, com valor de [ja], pronuncia-se como em português, por exemplo, *diamant*, *diamám*, hoje [djamã]. A correspondência entre fonia e grafia está novamente presente nos digramas <ie>, <io>, que correspondem aos ditongos [jẽ], [jõ], por exemplo, *diète*, *diète*, *fiôle*, *fiôle*, atualmente [djet] e [fjõl], respetivamente. Quanto à sequência <iau>, Durand diz que “tem som de *i*, e de *o* longo (Durand, 1836, p. 21)”, identificando o ditongo [jo] em casos como os de *miauler*, *miôle*, hoje [mjole]. Identifica os ditongos [wa], [we] e [wi] nas sequências gráficas <oua, oue, oui>, admitindo que tem o som de “*u* Portuguêz” e de <a, e, i>, por exemplo, *rouage*, *ruáge*, *fouetter*, *fuété*, *jouir*, *juí*, hoje [Rwaʒ], [fwete], [ʒwir], respetivamente. Por fim, reconhece os ditongos [ʉa], [ʉi] e [ʉo], nas sequências gráficas <ua, eu, ui>, por exemplo, *nuage*, *nuáje*, *nuire*, *nuire* e *tuorbe*, *tuôrbe*, atualmente [nʉaʒ], [nʉiR] e [tʉoRb].

3. Considerações finais

O Mestre francez de Francisco Clamopin Durand é uma gramática destinada à aprendizagem da língua francesa para um público não francófono. O seu pendor essencialmente didático

justifica as poucas reflexões a respeito da língua francesa, sobretudo no que se refere à exposição das regras de pronúncia do sistema vocálico francês. Por isso, embora tenha um conhecimento substancial das obras francesas que cita, pensamos que o objetivo primordial do autor era fornecer aos alunos um método simples e claro, para que pudessem aprender com alguma rapidez e relativa simplicidade a língua considerada na época como “a mais cultivada na Europa”, pelo que se pautou, acima de tudo, pela correção linguística, como de resto admite no prólogo: “Em quanto á correccão, posso affirmar, que me tem dado maior trabalho do que a propria composição; e na verdade se não assistisse á impressão della, seria impossivel sahir tão correcta especialmene na terceira columna da pronunciação, onde se achará nos accents huma exactissima regularidade” (Durand, 1836, p. [III]).

Ora, é precisamente na exposição das suas propostas fonéticas que reside o interesse desta obra, já que o autor encontrou um método de ensino simples que tornasse mais clara a diversidade de sons do vocalismo francês. Este objetivo parece ter sido cumprido, à exceção da explicação dos sons que são inexistentes no sistema linguístico português, sobretudo no que diz respeito à pronúncia da vogal anterior fechada arredondada [y], a vogal anterior arredondada semifechada [ø] e a vogal anterior arredondada semiaberta [œ]. Apesar disso, os exemplos que acompanham a exposição destas três vogais correspondem, respetivamente, ao som de cada uma delas.

Cumprido salientar ainda que, apesar de Durand revelar algumas dificuldades em fazer corresponder o som vocálico [ɛ] à sequência <oi>, a que chama vogais compostas, pela própria instabilidade deste som no século XVIII, o gramático é inovador quando argumenta que a sequência em causa corresponde praticamente ao som [wa], afastando-se da opinião das suas fontes francesas mais diretas.

Por outro lado, cabe destacar que foi o primeiro autor da época a fazer uma exposição bastante completa das vogais nasais francesas, o que ajudou bastante na simplificação das regras, se o compararmos a Francisca Chantal Álvares e a Luís Caetano de Lima. Na realidade, a gramática de Durand estabelece menos regras do que a de Lima e, embora apresente também problemas de terminologia, por exemplo, na explicação dos ditongos, o autor revela-se mais eficaz relativamente ao seu propósito, que era ensinar a pronúncia francesa de uma forma mais acessível e clara.

No que diz respeito às suas fontes, conclui-se que Durand consultou todas as obras que cita, até porque a sua atividade de livreiro facilitava o acesso às obras, e conhecia a doutrina dos seus mestres. No entanto, tendo sempre em mente o público-alvo da sua obra, das suas fontes aproveitou apenas aquilo que lhe parecia mais importante para os possíveis alunos, pelo que somos da opinião de que a sua maior inspiração foi efetivamente a obra de Restaut, talvez por ser de todas aquela que tinha um pendor mais didático e que gozou de ampla difusão ao longo do século XVIII, como já sublinharam Coelho et al. (2018). De resto, o compêndio de Durand parece ter herdado a projeção do seu mestre, pois, além de ter contado com várias edições e de ter sido adotado como manual de ensino/aprendizagem do francês em Portugal, é uma obra que figura em *De la prononciation française depuis le commencement du XVIe siècle, d'après les témoignages des grammairiens*, de Charles Thurot (1881), facto que comprova o merecido destaque no seio da gramaticografia franco-portuguesa.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito do Centro de Estudos em Letras, com a referência n.º UIDP/00707/2020, Portugal.

Conflito de Interesses

(X) Declaramos não ter qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo.

Contribuição dos autores

Nós, Teresa Moura, Sónia Coelho e Susana Fontes, declaramos, para os devidos fins, que não temos qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo. Todas nós participamos de forma colaborativa da conceptualização do estudo, metodologia, desenvolvimento e redação do artigo. Todas as autoras aprovam a versão final do manuscrito e são responsáveis por todos os aspetos, incluindo a garantia de sua veracidade e integridade.

Referências

Álvares, F. de C. (1786). *BREVE compendio de grammatica portugueza para o uso das meninas que se educaõ no mosteiro da vizitaçaõ de Lisboa, por huma religioza do mesmo mosteiro*. Na officina de Antonio Rodrigues Galhardo/ Impressor da Real Meza Censoria.

Auroux, S. (2006). Les modes d’historicisation Histoire et langage. *Histoire Épistémologie Langage: Histoire des idées linguistiques et horizons de rétrospection*, 28(1), 105-116. https://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_2006_num_28_1_2869 (acessado 14 de fevereiro, 2022).

Buffier, C. (1711). *Grammaire françoise sur un plan nouveau pour en rendre les principes plus clairs & la pratique plus aisee. Contenant divers traite’s sur la nature de la grammaire en general; sur l’usage; sur la beauté des langues & sur la maniere de les aprendre. Sur le stile; sur l’ortographe; sur les accens; sur la longueur des sillabes françoises; sur la punctuation, &c.* Chez Jean Leonard.

Coelho, S., Fontes, S., & Moura, T. (2018). O Mestre francez (1767) de Francisco Clamopin Durand e as suas fontes. *DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada*, 34(4), 1-19. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445044605217808024>.

Desmarais, F. S. R. (1707 [1705]). *Traité de la grammaire françoise*. Chez Henri Desbordes, Marchand Libraire, dans le Kalverstraat.

Durand, F. C. (1767). *O mestre francez ou novo methodo Para aprender a Lingua Franceza por meio da Portugueza*. Officina de Francisco Mendes Lima.

Durand, F. C. (1836). *Mestre francez, ou novo methodo para aprender a lingua franceza por meio da portugueza. Decima Edição emendada de muitos erros, e acrescentada com a Formação das Conjugações dos Verbos Regulares, e da Verdadeira Orthografia Franceza*. Delaunay/Seignot-Plancher et C^{ia}.

Fouché, P. (1969). *Phonétique historique du français*. Volume II, *Les voyelles*. 2^e édition revue et corrigée. Éditions Klincksieck.

Gonçalves, M. F. (2003). *As ideias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, Ministério da Ciência e do Ensino Superior.

Kemmler, R. (2012). Le rôle du français dans la grammaire visitandine de Francisca de Chantal Álvares (Lisbonne 1786). In B. Colombat, Jean-Marie Fournier, & V. Raby (Eds.), *Vers une Histoire Générale de la Grammaire Française: Matériaux et perspectives, Actes du colloque international de Paris (HTL/SHESL, 27-29 janvier 2011)* (pp. 445-466). Honoré Champion.

La Touche, P. de (1710). *L'Art de bien parler françois*. Chez R. & G. Wetstein.

Lima, L. C. de. (1733). *Grammatica franceza ou arte para aprender o francez por meyo da lingua portugueza, regulada pelas notas e refflexoens da academia de França*. Na Officina da Congregação do Oratorio.

Morin, Yves-Charles, & Ouellet, M. (1991). Les [ε] longs devant [s] en français: sources historiques et évolution. *Revue québécoise de linguistique*, 20(2), 11-32.
<https://doi.org/10.7202/602702ar>

Moura, T. (2016). *A Grammatica franceza, ou arte para aprender o francez por meio do portuguez, regulada pelas notas e refflexoens da Academia de França: a primeira gramática setecentista da língua francesa em português*. In A.-M. Fryba, R. Antonelli, & B. Actes du XXVIIe Congrès international de linguistique et de philologie romanes (Nancy, 15-20 juillet 2013). *Section 15: Histoire de la linguistique et de la philologie* (pp. 105-119). ATILF.

Colombat (Eds.), *Actes du XXVIIe Congrès international de linguistique et de philologie romanes (Nancy, 15-20 juillet 2013). Section 15: Histoire de la linguistique et de la philologie* (pp. 105-119). ATILF.

Restaut, P. (1812). *Abrégé des principes de la grammaire française par Restaut. Nouvelle édition. Beaucoup plus correcte que les précédentes, et augmentée de la liste des mots où l'H est aspire, et une table alphabétique des matières*. Théodore Le Clerc, jeune, libraire.

Salema, M. J. (2000). Manuais para o ensino/aprendizagem do Francês de 1732 a 1890. *FORUM* 28, Jul-Dez 2000, 71-112.

<https://revistas.uminho.pt/index.php/forum/article/download/2813/2781> (acessado 14 de fevereiro, 2022).

Thurot, C. (1881). *De la prononciation française depuis les témoignages des grammairiens*, tome premier. Imprimerie Nationale.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.